

De lá, os bancos exigem prioridade para balanço

FROTA NETO
Correspondente

Genebra — “Os países superendividados, como o Brasil, deverão dedicar-se sobretudo a melhorar a situação dos seus balanços de pagamento. Com essa finalidade, eles devem limitar as suas importações aos produtos indispensáveis ao abastecimento de suas populações ou capazes de lhes permitir um aumento em suas exportações. Esses países deverão também procurar soluções de substituição de importações. Quanto aos investimentos, eles devem ser concentrados em projetos que possam permitir a realização desses objetivos”.

Este récépituário é do diretor-geral do União de Bancos Suíços (UBS), G. Hanselmann, e foi pronunciado durante a realização da “International Corporate Finance Conference” em Zurique. Seu lembrete: a queda nas taxas dos juros e dos preços do

petróleo não são suficientes para os ajustes econômicos dos países endividados. Primeiro, disse Hanselmann, porque juros e petróleo poderão voltar a aumentar. Segundo, porque o importante mesmo é antes de tudo, o que se torna necessário “é reformar a política econômica visando melhorar os balanços das trocas externas e a limitar ao mínimo os empréstimos estrangeiros para financiar investimentos”.

A medicação recomendada por G. Hanselmann não para aí. Por ela, os países superendividados “fariam bem em suavizar suas prescrições demasiado restritivas em matéria de investimentos estrangeiros diretos”, pois o aumento desses investimentos “não somente aliviaria o serviço da dívida, mas também beneficiaria o conjunto da economia”.

Quanto ao papel dos bancos privados no processo

econômico-financeiro internacional, o dirigente do Banco Suíço afirma que “após haverem financiado a fase de expansão, os bancos deverão dar mão — forte às necessárias adaptações”.

O essencial, destacou ele, “é de não repetir os erros do passado, como, por exemplo, financiar déficits de balanços de operações correntes devidos unicamente à importações de bens de consumo”. Mas, em seu conjunto, depois de se ter evitado o “estouro” da crise financeira internacional, Hanselmann salienta que “o mais importante e o mais vasto ainda está por ser feito: ou seja, levar o endividamento exterior exagerado desses países a um nível suportável pela economia”. Para que se chegue a esse ponto, recomenda ele, os bancos emprestadores devem evitar adotarem atitudes demasiado restritivas”.